



A Santa Sé

SANTA MISSA NO XXV ANIVERSÁRIO DO CENTRO INTERNACIONAL JUVENIL SÃO LOURENÇO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Igreja de São Lourenço “in Piscibus”, Roma
V Domingo de Quaresma, 9 de Março de 2008*

Senhores Cardeais

Venerados irmãos

no Episcopado e no Sacerdócio

Caros irmãos e irmãs

É para mim uma grande alegria poder comemorar juntamente convosco, nesta bonita igreja românica, o 25º aniversário do Centro Internacional Juvenil São Lourenço, desejado pelo amado Papa João Paulo II nos arredores da Basílica de São Pedro e por ele inaugurado no dia 13 de Março de 1983. A Santa Missa que aqui se celebra todas as sextas-feiras à noite constitui para muitos jovens, provenientes de várias regiões do mundo para estudar nas universidades romanas, um importante encontro espiritual e uma significativa ocasião para entrar em contacto com Cardeais e Bispos da Cúria Romana, mas também com Bispos dos cinco continentes de passagem por Roma para as respectivas visitas *ad Limina*. Como quisestes recordar, não poucas vezes também eu vim aqui para celebrar a Eucaristia quando era Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e era sempre uma bonita experiência encontrar-me com rapazes e moças de muitas regiões da terra, que neste Centro encontram um importante ponto de acolhimento e de referência.

E é precisamente a vós, queridos jovens, que dirijo sobretudo a minha cordial saudação, agradecendo-vos o caloroso acolhimento que me reservastes. Além disso, saúdo todos vós que quisestes intervir nesta solene e igualmente familiar celebração. Saúdo de modo especial os Senhores Cardeais e os Prelados aqui presentes. Entre eles, permiti-me citar o Cardeal Paul

Josef Cordes, Titular desta igreja de São Lourenço "in Piscibus", bem como o Cardeal Stanislaw Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, a quem agradeço as amáveis palavras de boas-vindas que me dirigiu no início da Santa Missa, juntamente com os dois porta-vozes dos jovens. Saúdo D. Josef Clemens, Secretário do mesmo Pontifício Conselho, o grupo de jovens sacerdotes e seminaristas que animam este Centro sob a guia do Departamento dos Jovens deste Conselho, e quantos a vários níveis oferecem a sua contribuição. Refiro-me às Associações, aos Movimentos e às Comunidades que aqui representais, com uma menção especial à Comunidade do Emanuel, que há vinte anos coordena com grande fidelidade as diversas iniciativas e que criou uma Escola de Missão em Roma, da qual provêm alguns dos jovens aqui presentes. Além disso, saúdo os capelães e os voluntários que aqui trabalharam nos passados vinte e cinco anos ao serviço da juventude. A todos e a cada um, dirijo a minha carinhosa saudação.

Agora, venhamos ao Evangelho deste dia, dedicado a um tema importante, fundamental: o que é a vida? O que é a morte? Como viver? Como morrer? Para nos fazer compreender melhor este mistério da vida e a resposta de Jesus, São João usa para esta única realidade da vida duas palavras diferentes, para indicar as diversas dimensões da realidade "vida": a palavra *bíos* e a palavra *zoé*. Como se compreende facilmente, *bíos* significa este grande biocosmos, esta biosfera, que vai das células primitivas individuais até às associações mais organizadas, já desenvolvidas; esta grande árvore da vida, em que todas as possibilidades desta realidade *bíos* se desenvolveram. O homem pertence a esta árvore da vida; ele faz parte deste cosmos da vida que começa com um milagre: na matéria inerte desenvolve-se um centro vital, a realidade que nós denominamos organismo.

No entanto, embora faça parte deste grande microcosmos, o homem transcende-o porque também faz parte daquela realidade que São João define como *zoé*. É um novo nível da vida, em que o ser se abre ao conhecimento. Sem dúvida, o homem é sempre homem, com toda a sua dignidade, mesmo que viva em estado de coma, ainda que esteja na fase de embrião, mas se ele vive apenas biologicamente, não são realizadas e desenvolvidas todas as potencialidades do seu ser. O homem é chamado a abrir-se a novas dimensões. Ele é um ser que conhece. Sem dúvida, também os animais conhecem, mas somente as realidades que são interessantes para a sua vida biológica. O conhecimento do homem vai mais além; ele quer conhecer tudo, toda a realidade, a realidade na sua totalidade; quer saber o que é este seu ser e o que é o mundo. Tem sede de um conhecimento do infinito, deseja chegar à nascente da vida, quer beber desta fonte e encontrar a própria vida.

Assim, chegamos a uma segunda dimensão: o homem não é somente um ser que conhece; ele vive em relacionamento de amizade e de amor. Além da dimensão do conhecimento da verdade e do ser, inseparavelmente desta existe a dimensão do relacionamento e do amor. E aqui o homem aproxima-se em maior medida da fonte da vida, da qual quer beber para ter vida em abundância, para ter a própria vida. Poderíamos dizer que toda a ciência, sobretudo a medicina, é

uma única e grandiosa luta pela vida. No fim de contas, a medicina é a procura da oposição à morte, é a busca da imortalidade. No entanto, podemos porventura encontrar um remédio que nos garanta a imortalidade? É precisamente esta a questão do Evangelho hodierno. Procuremos imaginar que o remédio chegue a encontrar a receita contra a morte, a receita da imortalidade. Mesmo neste caso, tratar-se-ia ainda de um remédio inserida na biosfera, indubitavelmente um remédio útil também para a nossa vida espiritual e humana, mas por si só um remédio limitada a esta biosfera. É fácil imaginar o que aconteceria, se a vida biológica do homem não conhecesse o caso, se fosse imortal: viveríamos num mundo envelhecido, um mundo cheio de idosos, um mundo que não reservaria mais espaço aos jovens, à renovação da vida. Deste modo, compreendemos que este não pode ser o tipo de imortalidade ao qual aspiramos; não é esta a possibilidade de beber da fonte da vida, que todos nós desejamos.

Precisamente nesta altura em que, por um lado, compreendemos que não podemos esperar um prolongamento infinito da vida biológica e todavia, por outro, desejamos beber da própria fonte da vida para gozar de uma vida sem fim, é exactamente nesta altura que o Senhor intervém e nos fala no Evangelho, dizendo: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá para sempre". "Eu sou a Ressurreição!": beber da fonte da vida significa entrar em comunhão com este amor infinito, que é a fonte da vida. Encontrando Cristo, entramos em contacto, aliás em comunhão com a própria vida e já atravessamos o limiar da morte porque, para além da vida biológica, entramos em contacto com a verdadeira vida.

Os Padres da Igreja definiram a Eucaristia como *remédio da imortalidade*. E é assim, porque na Eucaristia nós entramos em contacto, aliás em comunhão com o corpo ressuscitado de Cristo; entramos no espaço da vida já ressuscitada, da vida eterna. Entramos em comunhão com este corpo, que é animado pela vida imortal, e vivemos assim desde já e para sempre, no espaço da própria vida. E de tal forma, este Evangelho é também uma profunda interpretação do que significa a Eucaristia, convidando-nos a viver realmente da Eucaristia para podermos ser deste modo transformados na comunhão do amor. Esta é a vida verdadeira. No Evangelho de João, o Senhor diz: "Vim para que tenham vida, e a tenham em abundância". Vida em abundância não significa, como alguns julgam, consumir tudo, ter tudo e poder realizar tudo o que se deseja. Em tal caso, viveríamos para as coisas mortas, viveríamos para a morte. Vida em abundância significa estar em comunhão com a vida verdadeira, com o amor infinito. É assim que entramos realmente na abundância da vida, tornando-nos portadores da vida inclusivamente para os outros.

Os prisioneiros de guerra que viveram na Rússia durante mais de dez anos, expostos ao frio e à fome, quando regressaram disseram: "Pude sobreviver, porque sabia que esperavam por mim. Sabia que havia pessoas que me aguardavam, que eu era necessário e esperado". Este amor que os aguardava foi o eficaz remédio da vida contra todos os males. Na realidade, todos nós somos esperados. O Senhor espera por nós, e não só nos aguarda: está presente e estende-nos

a sua mão. Aceitemos a mão do Senhor e peçamos-lhe para viver verdadeiramente, para viver a abundância da vida e assim poder comunicar também aos nossos contemporâneos a vida autêntica, a vida em abundância. Amém!

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana